# XI EXPRESSÕES ANARQUISTAS

Revolução
História
Feminismo
Ecologia
Educação
Autogestão
Okupar
Tudo
Ativismo
Solidários
Greve Geral
União
Ação Direta

**20 e 21 Outubro 2012**

Evento aberto a todxs interessadxs em conversar/discutir/debater/
refletir sobre anarquismo e suas práticas.
Local: Moradia Estudantil da Unicamp -Campinas/SP
necessário confirmar presença: exprana@riseup.net
trazer saco de dormir e uns trocos para rango!
+ informações: http://anarkio.net

**Neste mês, realizaremos a décima primeira edição do Expressões Anarquistas, e será em Campinas, na Moradia Estudantil da Unicamp. O evento é aberto e contará com diversas atividades sobre o anarquismo. Nesse período também se lembrará das Ocupações de praças que levantaram os 99% contra a ganância e cobiça dos 1% e quais os resultados dessas ações. Em Outubro lembramos também o assassinato de Francisco Ferrer, iniciador da Escola Moderna, uma referência atual para uma educação emancipadora. Outubro ainda conta as eleições, onde a campanha de voto nulo se mantém pela construção de uma nova política em que tod@s possam participar. Nossa... há muita coisa para fazer, então Conheça, Organiza e Luta!**

**Na construção do comunismo libertário através de práticas anarquistas, saúde e anarquia!**

# AURORA OBREIRA


Barricada Libertária, iniciativa de ação direta e local para divulgação e propaganda do anarquismo sem partido, sem religião, sem Estado.

AURORA OBREIRA

Número 19 - Outubro 2012. Revista para divulgação do anarquismo atual e na construção de uma sociedade sem classes.

Redação: Barricada Libertária
Colaboração: Fenikso Nigra e Ovelha Negra
Esta revista foi feita em soft livre: Scribus, Libreoffice, Inkscape, Gimp, OS Mint 12.



Contatos:
Barricada Libertária: lobo@riseup.net, barriliber@anarkio.net, barriliber@riseup.net
Fenikso Nigra: fenikso@riseup.net aŭ fenikso@anarkio.net

Barricada Libertária -LoBo
CP: 5005 - CEP: 13036-970 - Campinas - São Paulo
http://anarkio.net

# O relevância do Anarquismo hoje

A relevância do anarquismo, é hoje, tão válida como o foi em todos esses milênios, como forma de contestação social a regimes tiranos, hierárquicos, exploradores e opressores.

A aspiração maior do anarquismo é libertação de tod@s os seres de forma a viverem com dignidade, sem exploração e nem opressão. Ou na adaptação da máxima da AIT, a nossa emancipação é nossa própria obra e de ninguém mais.

Como isso se realiza de fato?

Primeiro, existe uma confusão, intencional ou não, em ver no anarquismo uma força rebelde sem organização, espontânea, incontrolável, ao sabor das paixões e totalmente arredio a qualquer forma de controle. Isso é uma concepção totalmente equivocada e construída de forma superficial, sem a compreensão do que seja o anarquismo e quais são seu métodos de vivência. Para aqueles que foram criados em moldes controladores, submissos, realmente é uma impressão poderosa ver indivíduos e grupos anarquistas, seu questionamento e seu ceticismo com todos os governos, partidos, religiões, Estados ou qualquer estrutura de controle, poder e exploração existentes.

O fato é que o anarquismo é fonte de um compromisso profundo com a liberdade e disso gera uma grande responsabilidade de tod@s os seus adeptos, em suma, grandes liberdades exigem grandes responsabilidade. Quando dizemos anarquismo, dizemos simplesmente sem governo, no

sentido que esse governo seja um controle hierarquizado de exploração e opressão. Não se pode dizer que o anarquismo seja uma ideologia, porque não está fechada em si em um corpo teórico acabado e determinante, ou seja, não há uma "receita de bolo" que muitos comodamente gostariam de ter para aplicar. Como uma proposta dinâmica sempre se mantém como referência e é muito mais uma metodologia aplicada, logo, uma prática existente sem o qual qualquer teorização é vazia e sem sentido.

O anarquismo é muito mais uma prática da qual se pode descrever como um registro histórico do que uma teoria de um vir a ser, não existirá anarquismo amanhã se não houver sua prática hoje. Escrevo isso pela necessidade de marcar que muitos podem escrever, teorizar e até especular sobre o anarquismo, mas sem sua prática direta, muito pouco acrescenta para sua construção.

Isso nos leva a dizer que o anarquismo é sem governos, mas organizado em moldes libertários. Devemos glossar o termo libertário: é muito usado com associação ao anarquismo, mas não significa que todo movimento libertário o seja. Qualquer ação que procure se libertar de uma situação de controle pode ser considerada libertária, mas não anarquista, quando seus moldes não seja de emancipação total de todos os seres e isso é um diferencial que poderíamos usar com parâmetro para captar os contextos das ações em que se usam os termos anarquistas e anarquismo.

O caráter organizacional, entendendo que como seres coletivos, necessitamos, mesmo que não queiramos aceitar ou que neguemos, do outro e outros, nem que seja para justamente nega-los. Não temos ainda condições de determinar com exatidão onde termina o indivíduo e começa o seu coletivo e vice versa. E ao se relacionar com outr@s, buscando resolver questões importantes da vida, se compõe acordos que visam um equilíbrio para satisfação de cada um e do todo, de forma a se manter e se desenvolver de forma organizada. No anarquismo isso se dá através da autogestão.

Autogestão é a participação de tod@s de forma direta do processo decisório, de forma a compor grupos, comissões, coordenações executivas sem lideres, sem chefias para solução das questões apresentadas. Isso deriva de um aprendizado da politica direta, sem intermediários, sem representantes partidários ou estrutura vertical de comando politico executivo e legislativo. Perceba que isso significa uma reestruturação

coletiva e individual de relação não mais em moldes de controle e sim de emancipação, onde não se explora ou oprime quem quer que seja, em um grau de respeito mútuo importante.

Por isso não há uma transição, não há governos provisórios, não há vanguardas, não há minorias ativas no anarquismo porque ao desenvolve-lo cada indivíduo tem e desenvolve a condições de liberdade, isso é, de ter capacidade de escolha entre iguais e que ao se unirem, unem suas liberdades e as ampliam ao infinito tendo sempre que isso não pode ser feito com opressão e exploração.

Com a prática, o entendimento disso se torna algo real e visível e por se-lo é justamente combatido e o que mais causa medo em quem foi condicionado a mandar ou obedecer, advindo reações de violência ignorante para a manutenção da opressão e exploração reinante.

Para o anarquismo então, a propaganda mais poderosa e razão de ser é prática e existe uma campo amplo de possibilidades, desde que se tenha em mente que isso sem opressão e sem exploração. Tende viver um dia assim, reflita e tenha autocritica honesta o suficiente a ponto de identificar o quanto é oprimido, explorado e o quanto também oprime e explora. E vá mais longe, olhe ao seu redor e identifique tais situações, seja com sua família, seja com seus vizinhos, no bairro, na escola, em fim, avalie seu dia a dia e identifique a exploração e opressão e daí faça a diferença: COMBATA-AS!

Nos vemos nas ruas pela construção e organização do anarquismo através de práticas livres!

# Breve histórico do sindicalismo no Brasil

Na maioria dos casos de estudos sobre o sindicalismo no Brasil, quase sempre se iniciam de forma abreviada sobre o anarco-sindicalismo, quando citam a sua existência, em uma ascensão e queda vertiginosos, quase sempre atribuindo aos próprios anarco-sindicalistas tal declínio, encerram o período com o decreto de Getúlio Vargas da CLT, que foi o ponto final no sindicalismo livre no país e o inicio de um período de mais de 70 anos da organização fascista no meio do trabalho.

Destacam nesses estudos, porém, a formação da CUT e da CGT, ambas oriundas das discussões e rachas dos caminhos que o sindicalismo deveria trilhar para avançar as lutas dos trabalhadores. Em nossa análise, entendemos que essa construção histórica atende aos interesses partidários no intuito de reduzir a força do anarco-sindicalismo e suas práticas libertárias que marcaram por 30 anos a vida dos trabalhadores no Brasil. É um recorde grotesco, que distorce e oblitera a memória dos movimentos sociais e dos trabalhadores.

Vamos além, há diversas teses que tentam apagar a existência do anarco-sindicalismo e dar ao sindicalismo revolucionário uma outra conotação que não a anarquista, mas de socialistas e outras vertentes ideológicas, que eram minorias e atuavam sem problemas dentro do sindicalismo revolucionário, de base anarquista como é mostrado nos documentos históricos, jornais e cartas do período. Procuram isolar o pensamento anarco-sindicalista como peça de um museu bizarro inventado nas cabeças desses "iluminatti da esquerda institucional".

Diante desses revisionismos só podemos com todo respeito, manter a luta daqueles companheiros, muitos assassinados pela repressão estatal a serviço dos interesses do capital.

O sindicalismo no Brasil tem origem com o fim da escravidão e com imigração, trazendo experiências de organização obreira, sobretudo de italianos e espanhóis. Temos aqui um caso de transição de regimes de trabalho, que sobre uma analise

mais aprofundada, veremos que possuem muito mais em comum do que se pode acreditar.

A mão-de-obra escrava foi se tornando cada vez mais difícil de se obter a medida que se aperta o cerco abolicionista, traduzido em uma escalada de leis que visavam reduzir e eliminar o trabalho escravo aos poucos. Aliado à essas leis, a Inglaterra decretará em 1845, o "Bill Aberdeen" que era a pratica de atacar e aprisionar barcos de tráfico negreiro, elevando muito o preço dos africanos. Por um certo tempo ainda houve tráfico interno, mas com leis mais duras em vigência, a mão-de-obra escrava se tornou muito custosa.

Com o declínio da viabilidade do uso da mão-de-obra escrava no país, uma das soluções encontradas foi o uso da mão-de-obra assalariada principalmente imigrante. Não se pode afirmar que era uma mão-de-obra mais qualificada do que os africanos , uma vez que vieram justamente exercer o mesmo trabalho que os africanos já faziam, trabalhar inicialmente nos cafezais. É ilusório acreditar nisso e há de se perguntar por que não foi assalariada a mão-de-obra africana já existente no país?

Compreendendo a extensão das grandes plantações de café é fácil entender que era preciso muito mais trabalhadores, o custo de trazer esses imigrantes de seus países foi muito menor do que fornecer aos africanos uma estrutura de vida assalariada, já que nada possuíam. A omissão do governo e o desprezo dos fazendeiros com os africanos e seus descendentes, levaram a formar nas periferias das cidades, as primeiras favelas do Brasil. A opção pelo uso de imigrantes foi uma opção basicamente econômica, até porque mesmo que se optasse pela mão-de-obra africana assalariada, não haveria o suficiente, também recorrendo buscar mão-de-obra no estrangeiro. Considerando que para trazer a mão-de-obra africana seria muito mais cara porque deveria traze-los em condições humanas (em não mais nos tenebrosos navios "negreiros"), não havia barcos nas condições adequadas entre Africa e América do Sul. A situação era diferente entre Europa e América do Sul, com rotas regulares de navios com as minimas condições para trazer famílias inteiras, a opção natural foi por essa última. Mas há muito para estudar nesse período para entendermos de fato o que ocorreu e por quais caminhos.

A questão é que com a imigração, transformou-se as relações de trabalho.

Em princípio, grande parte desses trabalhadores foram para as lavouras de café, onde a exploração dos fazendeiros era imensa, gerando enormes atritos. Os grande fazendeiros habituados ainda com a escravidão, mantiveram posturas autoritárias sobre a mão-de-obra assalariada, o que leva a muitos abandonarem os campos e irem trabalhar nas cidades.

Devemos lembrar que é um período muito prospero para a cafeicultura, a maior mercadoria de exportação do país, gerando muita riqueza, a ponto de serem os políticos vinculados diretamente ao setor cafeicultor. Com essa prosperidade enorme, uma parte sobre influência da industrialização europeia, resolvem formar as primeiras fábricas, do que é considerado por alguns economistas, a industrialização tardia brasileira. Essa implementação é de fábricas de plantas de custo baixo, pequenas e de substituição de produtos básicos. Mesmo assim necessitava de mão-de-obra assalariada. Muitos imigrantes, já familiarizados com o modo de produção industrial e ao chão de fábrica, formariam essa mão-de-obra.

Mas, igualmente como nas fazendas, a exploração exagerada sobre os trabalhadores, levaram-nos a se organizarem em grupos de resistência, sindicatos, para se defenderem a exploração desenfreada do patronato.

É muito importante salientarmo isso, porque se para muitos ainda é presente as imagens da ditadura militar e o impacto dela no meio dos trabalhadores, por outro lado, pouco é lembrado sobre o período autoritário da Velha República e o quão foi cruel esse período para as recentes organizações sindicais. É preciso frisar que as questões relacionadas ao trabalho eram tratadas como caso de polícia. Não havia uma regulamentação trabalhadora e os governos não tinham nenhuma preocupação com os explorados e oprimidos. Todas as medidas governamentais do período foram de repressão contra os trabalhadores. Uma delas para exemplificar, foi a Lei de Repressão ao Anarquismo de 1921 por Epitácio Pessoa. Outras medidas repressivas foram o aprisionamento em campos de concentração, como o da Clevelândia no meio da floresta amazônica; a deportação dos elementos subversivos estrangeiros; a divulgação de listas negras com nomes de trabalhadores considerados agitadores; a constante perseguição policial e invasão nos espaços sindicais e os frequentes as quebradeiras nas gráficas operárias (empastelamento), impedindo a tiragem de material sindical. Mas recorrendo aos jornais do período, temos muitos casos de perseguições e assassinatos encomendados pelos patrões.

Os trabalhadores perseguidos, explorados ao máximo em jornadas de trabalho de 12, 14 e 16 horas conseguiram se organizar para enfrentar tais abusos. Quando escrevemos trabalhadores, não só nos referimos aos homens, mas mulheres e crianças que formavam a força trabalhadora no período.

A Confederação Operária Brasileira (COB) foi criada em 1906, dado o avanço da organização realizada pelos trabalhadores. Considerando a forte repressão, não só era um marco importante, mas mostrava a capacidade organizativa e livre dos trabalhadores, muitos oriundos do anarquismo. No desenvolvimento desse sindicalismo revolucionário, as associações de resistência tinham compromissos com

a educação dos companheiros e de seus filhos, com Escolas Modernas (laicas e racionais) inspiradas em Francisco Ferrer. Caixas de Greve eram levantadas para apoio as famílias dos grevistas. Também contribuíam em ajuda médica e em caso de luto, havia amparo a família, realizados a partir de contribuições simples de cada sindicalizado, sem imposição, sem obrigatoriedade. O processo sindical em si, era altamente educador e preparava os associados à uma vida de bem estar e liberdade, bases para emancipação humana.

O mais importante em tudo isso é que não se separava as lutas sociais, econômicas e políticas. Tudo era um só movimento de luta de classe, de confronto direto com os poderosos. Podemos escrever que os movimentos sociais nesse período estavam coordenados, unidos através da luta anarco-sindicalista que contemplava a amplitude e integralidade da luta emancipatória. Seria estranho nesse período falar de movimentos sociais separados pois não havia o pensamento partidarizado predominante como temos agora, o que levou a uma "especialização" das lutas e fragmentação dos movimentos sociais.

As greves gerais, paralisações eram comuns e práticas importantes da luta e educação entre os trabalhadores. Se destacam as Greves Gerais de 1917 e 1919, que são consideradas as maiores greves no Brasil até hoje, pela extensão da paralisação e impacto na sociedade.

Por outro lada, a introdução da ideia de um partido dos trabalhadores, dos operários, surgem com o advento da Revolução Russa, que por um desconhecimento do que ocorria e os desdobramentos da contra-revolução bolchevique, levaram a formar o partido comunista, que logo começaria a disputar os sindicatos com os anarquistas, tendo como orientação as coordenadas de Moscou.

Nessa situação, o anarco-sindicalismo enfrenta três inimigos clássicos: os patrões, o Estado e o partido comunista. Enfraquecido pelos constantes ataques e perseguições por esses inimigos, ainda consegue se manter, por exemplo, em 1934, haviam mais de 50 sindicatos associados a Federação Operária de São Paulo (FOSP) e realizaram a Batalha da Praça da Sé, confrontando integralistas e tropas da Força Pública (a PM do período).

Mas o anarco-sindicalismo desgastado pela repressão, ainda teria que enfrentar a ditadura de Getúlio Vargas que foi o ápice da repressão contra o movimento dos trabalhadores, contra os sindicatos livres. Tendo inspiração no fascismo de Mussolini, Vargas decretou uma sequência de medidas que causariam impactos terríveis no meio sindical livre e revolucionário. A começar pela necessidade de ter uma autorização do Estado para funcionar e regulamentar um sindicato. A seguir

prendeu sindicalistas considerados subversivos e fechou todos os sindicatos que não se adequassem a nova legislação e abriu novos sindicatos de perfil corporativistas, fascistas vigiados pelo Estado.

Outro marco do desmonte dos sindicatos revolucionários, livres foi a promulgação da CLT, uma camisa de força fascista que dura até hoje. Decretada em 01 maio de 1943, regulamenta o trabalho no país para satisfazer os interesses do capital, tendo o Estado através do Ministério do Trabalho, seu fiel escudeiro. Isso também conciliando com as diretrizes da Organização Internacional do Trabalho (OIT), braço do capital internacional dentro da Organização das Nações Unidas (ONU). É fácil imaginar porque, após 67 anos, a CLT e as práticas fascistas estejam impregnadas na organização do trabalho brasileiro.

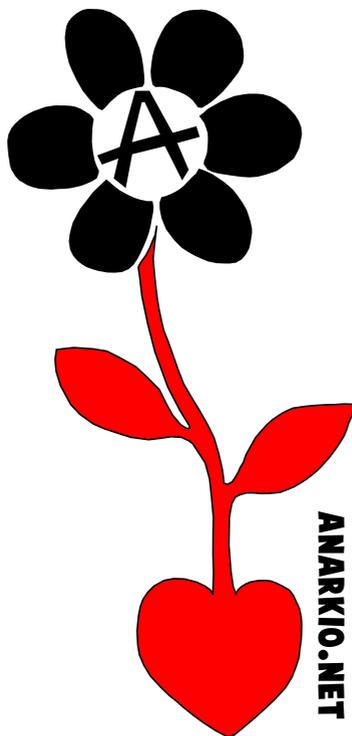
Dos desdobramentos dessa história podemos entender o sindicalismo contemporâneo e compreender que todo sindicalismo formado a partir de reformas das estruturas institucionais, estavam e estão fadados a serem instrumentos, correias de transmissão da corporativismo fascista, amordaçando os trabalhadores, mantendo lastro para o modelo capitalista funcionar.

Olhemos para a formação da Central Única dos Trabalhadores (CUT) para ilustrar e justificar o que expomos.

No processo de abertura política, uma forma que os militares encontraram para transferir de forma lenta, os poderes que tinha confiscado em 1964, e assegurar que tudo que tinham feito não pudesse ser passível de processos futuros, como a Lei da Anistia, que serviu a torturados e torturadores, criando ressentimentos e questões que ainda precisam ser resolvidas .

O processo de abertura política abrandou a rigidez do sistema ditatorial, dando as condições para que movimentos sociais recomeçassem a se organizar. Foi isso que ocorreu no movimento sindical. Foram levantados documentos em todo país através de encontros estaduais e que levara a I Conferência Nacional da Classe Trabalhadora (CONCLAT), reunindo o mais diversificado agrupamentos vinculados as questões do trabalho, de onde saiu uma Comissão pró-Central Única dos Trabalhadores, levando ao Congresso Nacional da Classe Trabalhadora em 1983, onde finalmente surge a CUT. Esse caminho não foi direto e unívoco, houveram discussões, divergências e separações, que dariam mais tarde a formação da CGT (1986). Como descrevemos, neste período a esquerda institucional formada por setores católicos, PT, PcdoB, MR8 e outros atores políticos tentaram de forma hipócrita imprimir um papel a nova central, algo que não tinha, além de um populismo que se estende até hoje. Criada visando a ruptura com o modelo fascista e

corporativista, enfocando conceitos que sinalizavam até de um sindicalismo revolucionário, na prática, se tornou uma central burocrática, institucionalizada e reformista.

Como havíamos comentado anteriormente, na construção da CUT, a história do sindicalismo no Brasil, a prática revolucionária do começo do século XX foi completamente descartada, restando a nova central o uso de alguns slogans de efeito, tal como Lênin havia feito na Revolução Russa para atrair os trabalhadores e trai-los posteriormente. Não só os discursos e propaganda feitos pelas "lideranças" cutistas estão em flagrante desencontro com a sua prática reformista e pró-Estado, como se mantém na estrutura que critica, sendo a maior "central sindical do país". Não precisamos estender nesse texto a história das outras centrais sindicais. Todas possuem discursos mais ou menos populistas, alguns até mais radicais, mas todos de práticas reformistas, burocráticos e recebendo do governo somas de sua relação orgânica com o Estado. O imposto sindical , imposto, logo obrigatório drena os trabalhadores anualmente e fomenta a manutenção do sistema vigente sindical corporativista.

**A Biblioteca Terra Livre e o Ativismo ABC estão iniciando as atividades para a realização da 3º Feira Anarquista de São Paulo. A data e o local já estão escolhidos, a feira ocorrerá no dia 04 de Novembro no auditório Paulinho Nogueira no Parque da Água Branca, das 10h as 20h, com entrada gratuita.**

**O Fenikso Nigra e a Barricada Libertária realizará lá o Espaço da Dádiva por Uma Consciência Anticonsumo, e assim pedimos a tod@s que tenham qualquer coisa que não use mais (roupas, livros, aparelhos eletrônicos, etc mas em bom estado) que levem na feira para disponibilizar para outr@s e quem sabe não tenha algo que também agrade!**

# Lembre-se

O anarquismo é dinâmico,

vivo e de amplas possibilidades,

sem opressão e

sem exploração ...

# ANARQUISMO NÃO É MERCADORIA!

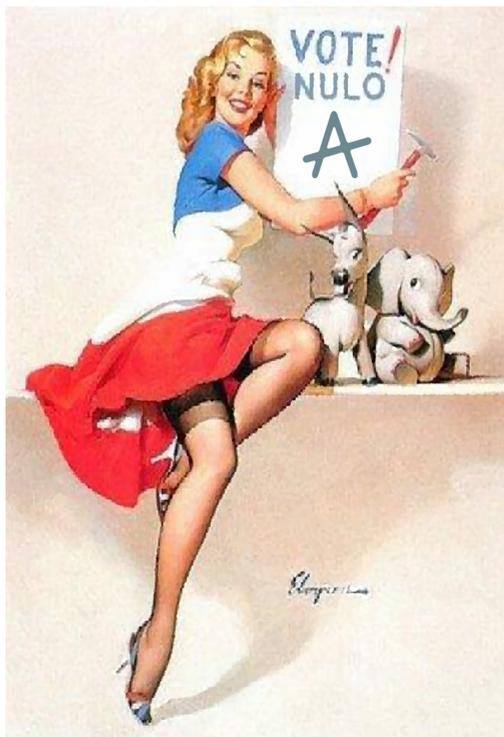
**SE NÃO PRECISA, NÃO COMPRE!**
**PREFIRA TROCAR - DOAR -**
**COMPARTILHAR - RECICLAR ...**
**SE TENS PRINCÍPIOS,**
**NÃO DEIXE OS "VALORE$" TE MANIPULAR!**

Barricada Libertária - lobo@riseup.net
Fenikso Nigra - fenikso@riseup.net
http://anarkio.net
Movimento Anarquista

# Votamos nulo
# Por Politica
# De outro jeito!

digite qualquer
numero sem cadastro
e confirma!!

ANARKIO.NET

## Organização Autonoma
## Sem Partidos, sem Patrões,
## Sem Estado!

# OVELHAS NEGRAS

# ANARQUISMO

**Na rede social, nos ajude a divulgar o anarquismo, prestigie a página, curta e vá para luta ...**

https://www.facebook.com/asovelhasnegras

**LIBERTE SUA MENTE!**

# Listas Libertárias

Fenikso Nigra <fenikso@lists.riseup.net>

fenikso-subscribe@lists.riseup.net

Expressões Anarquistas <expressoesanarquistas@lists.riseup.net>

expressoesanarquistas@lists.riseup.net

mais info: lobo@riseup.net